EXPECTATIVAS PARA A SEGUNDA SAFRA 2024/25 DE MILHO

FELIPE DE LIMA JUNQUEIRA FRANCO FABBRI*

No começo da semeadura da safra de verão 2024/25 de milho, o clima se impôs: as chuvas demoraram para atingir as grandes regiões produtoras, prorrogando os trabalhos no campo. Com a melhora no volume de chuvas a partir de outubro último, a semeadura foi alavancada. Neste ano que se inicia, prevê-se uma atuação fraca da La Niña, gerando mais tempo para a soja no campo, o que eleva o risco para a janela do milho na segunda safra. Em vista desse panorama, este artigo aponta as principais estimativas para área, produção, produtividade e preços das duas safras de milho no ciclo 2024/25. Ainda que as incertezas quanto à oferta colaborem com o viés de alta nos preços, restam dúvidas sobre o potencial de produção para a segunda safra.

A SEMEADURA da safra de verão 2024/25 de milho começou no Brasil diante de desafios, com destaque para o clima: as chuvas no Brasil Central e no MATOPIBA – região compreendida por partes dos estados do Maranhão, de Tocantins, do Piauí e da Bahia – tardaram a acontecer e os trabalhos no campo estiveram lentos até outubro último.

No Brasil, a semeadura concentrava 17,6% da área estimada até 24 de outubro. Em termos de comparação, a semeadura concentrava 28,4% da área há um ano.

Em Mato Grosso, principal produtor, o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (IMEA) estimou que, até 18 de outubro, a semeadura chegaria a 25,1% – pouco acima das estimativas apresentadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) – da área estimada, o que corresponderia a um atraso de 34,9 p.p. em relação à safra 2023/24 e de 19,3 p.p. em relação à média das últimas cinco safras.

O clima também afetou a safra 2023/24. Para se ter uma ideia, sob o fenômeno El Niño, a semeadura em Mato Grosso concentrava 60,0% dos trabalhos, com uma média de 44,0% nas últimas cinco safras. Ou seja, a semeadura na safra vigente foi, até certo momento, ainda mais impactada.

Contudo, o quadro mudou, e o clima tem preocupado menos, uma vez que o volume de chuvas, a partir da segunda quinzena de outubro, melhorou, alavancando a semeadura – que caminhou bem de lá para cá –, e há um bom desenvolvimento nas áreas semeadas.

Da safra passada para a atual, o principal aspecto de risco é praticamente o mesmo: o atraso das chuvas e o risco de uma menor janela de semeadura, elevando as preocupações com o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) adequado para a cultura.

Em 2023/24, muito se falou desse risco com relação à janela de semeadura do

SHUTTERSTOCK



milho safrinha, mas, em função do El Niño e das elevadas temperaturas, que levaram a perdas para muitos produtores, o ciclo da soja foi adiantado, proporcionando uma adequação à janela do milho.

Para este ano que se inicia, a tendência é de atuação do fenômeno La Niña, provavelmente com intensidade fraca, o que pode fazer com que o ciclo da soja ande dentro da normalidade, ou seja, passe mais tempo no campo, elevando o risco para a janela de semeadura do milho na segunda safra.

NÚMEROS DA SAFRA 2024/25

Em 12 de dezembro último, a Conab apresentou o primeiro levantamento da safra 2024/25. Para o milho, na primeira safra, a área deverá diminuir – mas com recuperação em produtividade –, o que eleva o risco para a produção e a oferta nessa conjuntura climática incerta.

A expectativa para a safra de verão é de uma queda de 1,5% na produção, estimada em 22,6 milhões de toneladas, apesar da estimativa de maior produtividade (4,6%). A cultura de milho na safra de verão tem perdido espaço nos últimos anos, e, para o ciclo 2024/25, a expectativa é de uma retração em 5,9% na área semeada, que deverá passar de 3,9 milhões para 3,7 milhões de hectares entre as safras 2023/24 e 2024/25.

Porém, a área para a segunda safra deverá crescer (1,0%) na safra atual, passando de 16,4 milhões para 16,6 milhões de hectares. O crescimento porcentual da área, contudo, será o menor dos últimos dez anos.

A expectativa é de que a produtividade das lavouras cresça (3,8%), o que deverá resultar em uma produção de 94,6 milhões de toneladas, 4,8% maior do que a da safra 2023/24.

Por fim, a produção total de milho (primeira, segunda e terceira safras) está estimada em 119,7 milhões de toneladas, 3,5% maior do que a produção obtida no ciclo 2023/24. Mas ainda há chão para percorrer e semear até a consolidação da expectativa de produção no ciclo atual.

Ao contrário da queda estimada para a área da safra de verão, espera-se um crescimento tímido para a segunda safra de milho no ano-safra atual (1,0%). Mas há expectativas de crescimentos maiores em produtividade (3,8%) e produção (4,8%) em relação à safra 2023/24.

DEMANDA POR MILHO E EXPECTATIVA DE PREÇOS

As incertezas quanto à oferta no ciclo 2024/25 ainda colaboram com o viés de alta, mesmo porque, apesar da expectativa de uma maior produção, há riscos quanto ao tamanho da oferta na próxima temporada, uma vez que a área com milho na primeira safra será menor – e a produtividade será responsável pela manutenção da produção, ou seja, qualquer frustração diminuirá o potencial.

Além disso, apesar de uma menor pressão quanto ao risco para a janela de semeadura na segunda safra de milho, ainda há dúvidas quanto ao potencial de produção para a segunda safra.

Do lado da demanda, a produção de etanol de milho cresceu na safra 2023/24. Estima-se que 6,0 bilhões de litros tenham sido processados na safra 2023/24, e a estimativa da Conab é de que a produção seja de 7,2 bilhões de litros na safra 2024/25, podendo chegar a 8,0 bilhões de litros, segundo a União Nacional do Etanol de Milho (UNEM).

Na safra passada, o crescimento da produção de etanol de milho no Brasil demandou 16,4 milhões de toneladas de milho, fazendo com que o setor consumisse 18,9% da demanda nacional.

BRASIL: BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE MILHO

(MILHÕES DE TONELADAS)

Enquanto a área e a produção de milho da safra de verão devem cair em 2024/25, há estimativa de crescimento para as duas variáveis na segunda safra. Somadas as três safras, a produção de milho deve crescer 3,5% em relação à da safra 2023/24.

SAFRA		Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Demanda total	Estoque final
2018/19		14,6	100,0	1,6	116,2	61,9	41,1	103,0	13,2
2019/20		13,2	102,6	1,5	117,2	67,0	34,9	101,9	15,3
2020/21		15,3	87,1	3,1	105,5	71,2	20,8	92,0	13,5
2021/22		13,5	113,1	2,6	129,3	74,5	46,6	121,2	8,1
2022/23		8,1	131,9	1,3	141,3	79,6	54,6	134,2	7,1
2023/24		7,1	115,7	1,9	124,7	84,2	36,0	120,2	4,4
2024/25	out/2024	4,4	119,8	1,9	126,1	87,0	34,0	121,0	5,1
	nov/2024	4,4	119,6	1,9	126,0	87,0	34,0	121,0	4,9

Fonte: Conab; elaboração: Scot Consultoria

"As incertezas quanto à oferta no ciclo 2024/25 ainda colaboram com o viés de alta, mesmo porque, apesar da expectativa de uma maior produção, há riscos quanto ao tamanho da oferta na próxima temporada, uma vez que a área com milho na primeira safra será menor..."

Para a nutrição animal, principal mercado consumidor, o setor de aves e suínos, após um 2024 de margens interessantes para a agroindústria em meio a uma boa demanda – tanto externa, como interna –, deverá ter um aumento na produção neste ano que se inicia, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês).

Nesse contexto de maior demanda e oferta incerta, a expectativa é de um mercado com pouco espaço para retrações ao longo deste ano, salvo, é claro, os momentos de maior oferta e sazonalidades naturais, como é possível observar no Gráfico 1.

MAS O QUE OCORREU NA SAFRA PASSADA?

Segundo um levantamento da Scot Consultoria, o preço do milho iniciou 2024 pressionado quando comparado ao mesmo período do ano anterior. Enquanto, em 2023, o cereal iniciou o ano cotado, em média, em R$ 88,52 por saca de 60 quilos em Campinas-SP; em 2024, o recorte foi outro, com o grão cotado em R$ 67,52 por saca.

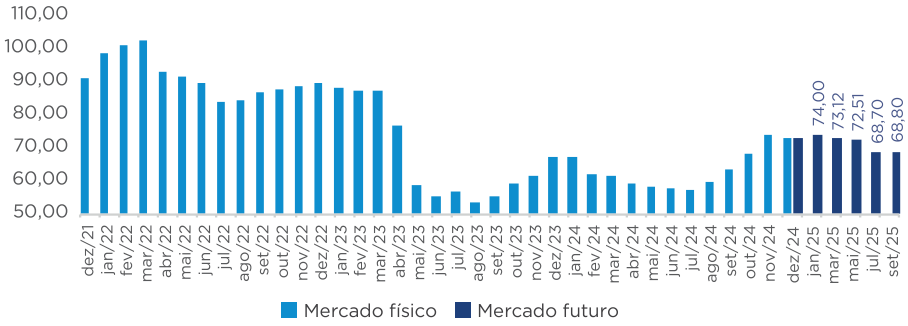
A safra 2022/23 foi recorde, o que trazia a expectativa de estoques finais confortáveis para o início da safra 2023/24. Mas não foi o que aconteceu.

Em 2023, com uma conjuntura internacional favorável, a exportação brasileira despontou – foram 55,9 milhões de toneladas embarcados no ano. Em 2024, o ritmo dos embarques foi menor. Até novembro último, a exportação somou 35,5 milhões de toneladas.

GRÁFICO 1 – COTAÇÃO DO MILHO EM GRÃO NOS MERCADOS FÍSICO (CAMPINAS) E FUTURO (B3)

(R$ POR SACA)

Em vista do crescimento de produção projetado para o setor de aves e suínos, estima-se um mercado com bastante espaço para a cultura de milho em 2025, com boas cotações, exceto em momentos de maior oferta e sazonalidades já estabelecidas.

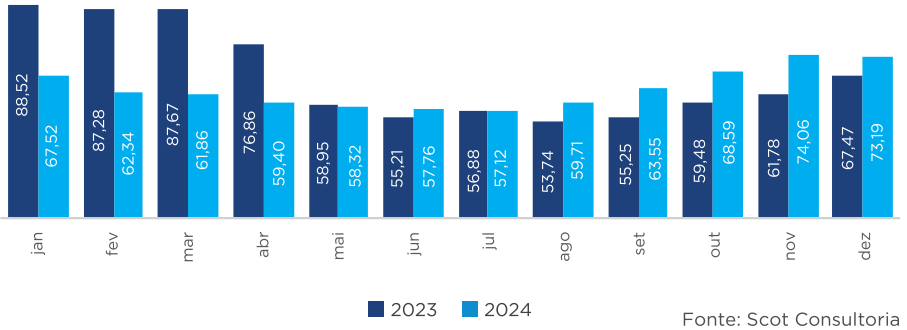


Fontes: Scot Consultoria; B3 (17 de dezembro de 2024)

GRÁFICO 2 – CAMPINAS: PREÇO MÉDIO DO MILHO EM GRÃO

(R$ POR SACA DE 60 QUILOS)

Dadas as incertezas devido aos desafios climáticos e à dinâmica dos estoques finais de milho em 2023, houve uma subida nos preços no fim do ano. As cotações caíram a partir de fevereiro de 2024, estabelecendo-se a partir de abril.



Fonte: Scot Consultoria

Além disso, a demanda interna também cresceu em 2023, e, com isso, os estoques finais, que abasteceriam o mercado até a entrada da safra de verão 2023/24, diminuíram.

Com desafios climáticos na semeadura da safra de verão e forte seca durante o período de desenvolvimento da lavoura na segunda safra em 2023/24, a produção foi menor e a demanda, principalmente interna, manteve-se aquecida.

Com essas incertezas, os preços subiram no fim de 2023, mas perderam força conforme as preocupações quanto ao tamanho da quebra na produção se dissipavam. Assim, as cotações caíram a partir de fevereiro de 2024, encontrando um piso de preços a partir de abril (*vide* Gráfico 2).

A partir de julho de 2024, mesmo com a colheita da segunda safra concluída no Brasil e uma maior oferta doméstica, os preços do milho subiram. A demanda interna esteve aquecida, com destaque para as usinas de etanol de milho. O dólar colaborou com a alta nos preços em reais e, do lado vendedor, o atraso das chuvas entre setembro e outubro diminuiu a pressão das vendas.

Ademais, os estoques finais brasileiros para a safra 2023/24, ou seja, os estoques que abastecerão o mercado até fevereiro/março próximos, serão os menores dos últimos anos. ■

*Analista de mercado da Scot Consultoria